



Joici Cristiani de Souza

**ECONOMIA COMPORTAMENTAL E O DESEMPREGO
ENTRE OS JOVENS**

Horizontalina

2018

Joici Cristiani de Souza

**ECONOMIA COMPORTAMENTAL E O DESEMPREGO
ENTRE OS JOVENS**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas pelo Curso de Ciências Econômicas da Faculdade Horizontina (FAHOR).

ORIENTADOR: Stephan Sawitzki, Mestre.

Horizontina

2018

**FAHOR – FACULDADE HORIZONTALINA
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a monografia:

“Economia comportamental e o desemprego entre os jovens”

Elaborada por:

Joici Cristiani de Souza

como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em
Ciências Econômicas

Aprovado em: 07/12/2018

Pela Comissão Examinadora



Me. Stephan Sawitzki
Presidente da Comissão Examinadora - Orientador



Me. Ivete Ruppenthal
FAHOR – Faculdade Horizontalina



Me. Gilson do Amaral
FAHOR – Faculdade Horizontalina

Horizontalina

2018

DEDICATÓRIA

À minha família e ao meu namorado por estarem sempre ao meu lado.

*Se quer encorajar alguém a fazer alguma coisa,
faça com que seja simples.*

- Richard Thaler

RESUMO

Tendo em vista que o desemprego entre os jovens é um assunto de grande importância para a economia de um país, realizou-se esta pesquisa com o objetivo de realizar uma análise sobre as decisões de contratação das empresas e seu reflexo no desemprego entre os jovens a partir de conceitos da economia comportamental. Para tanto, foi necessário caracterizar o desemprego no país, realizar uma análise sobre as principais causas que explicam o desemprego entre os jovens no Brasil a partir das teorias de assimetria de informação, aversão ao risco e teoria dos prospectos, relacionar o desemprego entre os jovens com base nas teorias apresentadas e examinar a perspectiva da contratação dos jovens. Realizou-se, então, uma pesquisa classificada como descritiva, onde a sua coleta de dados se deu por meio da pesquisa bibliográfica. Diante disso, verificou-se que as teorias de assimetria de informação, aversão ao risco e teoria dos prospectos podem ajudar a explicar a não contratação de jovens nas empresas, o que impõe a constatação de que a relação entre a economia comportamental e o desemprego entre os jovens pode estar no comportamento da escolha de pessoal das empresas e como o jovem é visto por elas.

Palavras-chave: Desemprego entre os jovens. Economia comportamental. Contratação.

ABSTRACT

Considering that youth unemployment is a subject of great importance for the economy of a country, this research was carried out with the objective of carry out an analyzing the hiring decisions of companies and their reflection on youth unemployment based on concepts of behavioral economics. Therefore, it was necessary to characterize unemployment in the country, to analyze the main causes that explain youth unemployment in Brazil, based on theories of information asymmetry, risk aversion and prospect theory, linking youth unemployment based on the theories presented and to examine the perspective of youth recruitment. Accomplished, then, a research classified as descriptive, where their data collection was done through the bibliographic research. Thus, theories of information asymmetry, risk aversion and prospect theory can help to explain the non-hiring of young people in companies, which makes it clear that the relationship between behavioral economics and unemployment among young people may be in the behavior of the staff choices of the companies and how the young person is seen by them.

Keywords: *Youth unemployment. Behavioral economics. Hiring.*

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BACEN	O Banco Central do Brasil
DI	Fundos de Renda Fixa Referenciados DI
FMI	Fundo Monetário Internacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa em Economia Aplicada
MTE	Ministério do trabalho e emprego
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONU	Organização das Nações Unidas
PIA	População em idade ativa
PIB	Produto Interno Bruto
PEA	População economicamente ativa
PME	Pesquisa Mensal de emprego
PNAD	Pesquisa nacional por amostra de domicílios
PNPE	Programa nacional de estímulo ao primeiro emprego de jovens

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figura 1 - Divisão da população..... 18

Quadros

Quadro 1 - Evolução do emprego e primeiro emprego no Brasil de 1999 á 2009.....35

Tabelas

Tabela 1 - Distribuição dos empregos formais por admissão no Brasil de 2009 a 2014, em porcentagem37

Gráficos

Gráfico 1 - Distribuição da população por condição na ocupação, segundo faixa etária no Brasil (2014)37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 METODOLOGIA	13
3 REVISÃO DA LITERATURA	15
3.1 EMPREGO E DESEMPREGO	15
3.1.1 Desemprego entre os jovens	19
3.1.2 Dados sobre o desemprego	23
3.1.3 Os problemas do desemprego na juventude	25
3.2 ECONOMIA COMPORTAMENTAL.....	27
3.2.1 Assimetria de informações.....	29
3.2.2 Aversão ao risco	31
3.2.3 Teoria dos prospectos	32
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	35
4.1 ECONOMIA COMPORTAMENTAL E O DESEMPREGO ENTRE OS JOVENS	35
4.1.1 Informações assimétricas	38
4.1.2 O jovem e a aversão ao risco	40
4.1.3 Efeito certeza	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

A economia comportamental, é uma área nova dentro da economia e outras ciências sociais. Derivada da psicologia econômica, a mesma aborda uma contraposição da visão tradicional de que as pessoas são totalmente racionais em suas decisões econômicas, buscando mostrar que as pessoas são tomadas, não apenas pela razão, o homo economicus¹, mas por razões externas. Hábitos, cultura, experiências, agilidade nas decisões, fatores emocionais, são agentes que influenciam tanto nas decisões que são tomadas conscientemente, quanto inconscientemente.

O envolvimento desse assunto com a economia do trabalho, nesta monografia, se dá pela associação do mesmo com o desemprego, a busca por uma explicação que se baseie no fator racional e emocional das decisões empregatícias e que tende mostrar o lado comportamental do mercado de trabalho. A economia do trabalho se trata da área da economia que estuda o mercado de trabalho em si, buscando entender suas variações, as influências macroeconômicas deste mercado, suas teorias, como as questões salariais, entre outros. Neste sentido, o tema deste trabalho é: Utilização da economia comportamental como base para explicar o desemprego entre os jovens no Brasil.

O cenário econômico tanto nacional quanto internacional tem efeitos diretos no mercado de trabalho de um país, estudar esses cenários podem ajudar na busca de soluções para o problema do desemprego, evitando sérias consequências na produção nacional. A economia de um país depende de como anda o emprego de sua população, uma população bem empregada leva à produção do país boas expectativas, controlar o desemprego sempre foi o principal tópico das políticas econômicas e é a partir dele que se tomam decisões para o futuro da economia.

Neste sentido, este estudo propõe resolver o seguinte problema: Qual a relação entre a economia comportamental com o desemprego entre os jovens no Brasil?

O estudo do desemprego é necessário para o desenvolvimento de uma economia, pois a partir dele pode-se ver de que forma está estruturado o mercado de

¹ Termo utilizado para o homem como sendo um ser racional, maximizador de lucro, homem informado e centrado que evita o desnecessário, capaz de tomar racionalmente suas decisões (ECONOMIA COMPORTAMENTAL, [s.d.]).

trabalho, como está o desempenho dos mercados, quais as faixas etárias mais afetadas, como se encontra a renda da população, quais são os setores mais eficientes, onde pode-se investir para melhorar a produção nacional, dentre outras variáveis.

As informações sobre o mercado de trabalho e suas atualizações ajudam o governo a organizar e delimitar suas políticas públicas, identificar quais áreas precisam de um maior investimento, qual a situação da população, a renda dos trabalhadores, entre outros. A disponibilização dessas informações ajuda também a população, sendo útil para saber como está a situação econômica de determinados locais, onde é requisitada mais mão de obra, quais as qualificações/especializações mais necessitadas, características do mercado local, etc. Da mesma forma que ajuda a população, as empresas usam esses dados para identificar as características da mão de obra local, os perfis da população, quais as qualificações mais abrangentes nos trabalhadores, entre diversas outras utilidades.

O desemprego entre os jovens é um assunto pouco abordado em estudos, mas muitas pessoas, afirmam que é um assunto de muita importância para a economia de um país. Em períodos de recessão econômica, por exemplo, com o aumento de desempregados, a dificuldade de conseguir um emprego é ainda maior para quem quer entrar no mercado de trabalho.

Com o aumento da concorrência, os jovens, que possuem menos experiência no mercado, encontram mais um obstáculo na busca de um emprego. Visto que a competitividade no mercado de trabalho cresce a cada vez que aumenta o desemprego, quanto mais qualificada for a pessoa, mais chances se têm de entrar no mercado de trabalho, mas este nem sempre é o principal fator de contratação. Neste sentido, a economia comportamental poderia explicar como alguns fatores podem influenciar na decisão destes agentes (empregadores).

Com isso, este trabalho visa estimular o estudo sobre o assunto (desemprego entre os jovens) e procura servir de referência para trabalhos posteriores, artigos ou monografias, justificando assim este estudo. O enfoque da economia comportamental ajuda a explicar melhor o comportamento do desemprego na visão da racionalidade econômica dos agentes envolvidos, procurando entender a composição deste mercado e seu comportamento, identificando os fatores predominantes no mercado de trabalho e podendo assim, a partir dessas informações, entender o desemprego atual.

Buscando responder o problema de pesquisa, este trabalho tem como objetivo geral realizar uma análise sobre as decisões de contratação das firmas e seu reflexo no desemprego entre os jovens a partir de conceitos da economia comportamental. Para atingir o objetivo deste estudo, foram levantados os seguintes objetivos específicos:

- a) Caracterizar o desemprego no Brasil;
- b) Abordar a economia comportamental enfatizando aspectos relativos a assimetria de informação, aversão ao risco e teoria do prospecto;
- c) Relacionar o desemprego entre os jovens a partir das teorias apresentadas;
- d) Examinar a perspectiva da contratação dos jovens.

Este trabalho está estruturado em capítulos. No capítulo 1, consta a introdução onde é apresentado o tema, problema, objetivos e justificativa, introduzindo o que é apresentado no trabalho. No capítulo 2, tem-se a metodologia utilizada. Já no capítulo 3, foi estruturada a revisão da literatura, este mesmo sendo dividido entre emprego e desemprego, onde é explicado o mercado de trabalho e suas ramificações, abordado o desemprego entre os jovens no Brasil, e economia comportamental, onde é apontado suas definições, pontos de vista e teorias.

O capítulo 4, contempla a análise de resultados, no qual foi analisado o desemprego entre os jovens e a economia comportamental, dividido entre o título economia comportamental e o desemprego entre os jovens, este tópico se divide entre os subtítulos: informações assimétricas, o jovem e a aversão ao risco, e efeito certeza. Por último as considerações finais, capítulo 5, onde é concluído este trabalho.

2 METODOLOGIA

“A Metodologia é a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observados para construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 14).

Neste contexto, quanto aos objetivos, esta pesquisa se classifica como descritiva, onde, de acordo com Gil (2008, p. 28), “[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. Ainda explanado pelo autor, este tipo de pesquisa visa “descobrir a existência de associações entre variáveis”, onde o qual se encaixa com a busca de associar as teorias da economia comportamental e o desemprego entre os jovens, estudando os fatores da tomada de decisões dos empregadores que afetam a contratação dessa determinada população.

Esta pesquisa é de característica qualitativa, pois de acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 34), “é um método de interpretação dinâmica e totalizante da realidade, pois considera que os fatos não podem ser relevados fora de um contexto social, político econômico etc”. Ainda segundo os autores o pesquisador é o instrumento chave que coleta os dados diretamente do ambiente natural, basicamente interpretando fenômenos e atribuindo significados. “Nas análises qualitativas, o pesquisador faz uma abstração, além dos dados obtidos, buscando possíveis explicações [...], para estabelecer configurações e fluxos de causa e efeito” (PRODANOV; FREITAS 2013, p. 70).

O método de abordagem deferido ao trabalho foi o método dedutivo que, mencionado por Gil (2008), inicia-se de um modo geral e se aprofunda até o particular. “Parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis e possibilita chegar a conclusões de maneira puramente formal, isto é, em virtude unicamente de sua lógica” (GIL, 2008, p. 9). Essa pesquisa buscou, através deste método, levantamentos e estudos do mercado de trabalho, abordando o desemprego começando do geral até aprofundar-se às suas classificações, que é mais específico, o mesmo sendo feito à economia comportamental abordando suas características

gerais, indo de conceitos às teorias, utilizando da lógica para as assimilações dos assuntos abordados.

Outro procedimento utilizado é o método comparativo, onde foi relacionado o desemprego entre os jovens brasileiros com as teorias da economia comportamental, com a finalidade de mostrar como as teorias da assimetria de informação, aversão ao risco e teoria do prospecto, poderiam ajudar a explicar alguns fatores que levam as empresas brasileiras de modo geral a não contratar jovens. “O método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles” (GIL, 2008, p. 16).

O procedimento de pesquisa observacional, como Gil (2008) explica, se encaixa exclusivamente por ser um método de grande importância nas ciências sociais, pois em seu estudo ele observa algo que acontece ou já aconteceu, investigando os casos e seus resultados.

Dentre as técnicas de pesquisa, a mais utilizada foi a pesquisa bibliográfica, onde buscou-se assuntos, informações e dados referente ao tema, a partir de livros, revistas, artigos, periódicos, teses, internet, dentre outros. “Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54).

Para a relevância do problema Gil (2008, p. 35) demonstra a importância da pesquisa bibliográfica:

[...] o pesquisador necessita fazer um levantamento bibliográfico da área, entrando em contato com as pesquisas já realizadas, verificando quais os problemas que não foram pesquisados, quais os que não o foram adequadamente e quais os que vêm recebendo respostas contraditórias. Este levantamento bibliográfico é muitas vezes demorado e pode constituir mesmo uma pesquisa de cunho exploratório, cujo produto final será a recolocação do problema sob um novo prisma.

Por fim, a partir dessas pesquisas buscou-se alcançar todos os objetivos intencionados no item 4 deste trabalho, em ordem de como foi executado, visando alcançá-los e explicá-los da maneira mais completa e concisa para poder ser compreendido facilmente. Buscando defender a área da psicologia econômica, abordando a nova área derivada desta, a economia comportamental, este trabalho tende a voltar a esta corrente de pensamento, mas tentando permanecer neutra referente às demais ideias e escolas de pensamento.

3 REVISÃO DA LITERATURA

O referencial teórico ou revisão de literatura “como o próprio nome indica, analisam-se as mais recentes obras científicas disponíveis que tratem do assunto ou que deem embasamento teórico e metodológico para o desenvolvimento do projeto de pesquisa” (FAEMA, 2011, p. 23). Ele mostra com isso o quanto o autor está atualizado em relação ao seu campo de conhecimento e investigação.

Este tópico está dividido entre os principais assuntos que devem ser abordados para se ter um melhor entendimento dos resultados, sendo então estruturado entre os dois tópicos principais: Emprego e desemprego, e economia comportamental. O tópico emprego e desemprego está dividido em: desemprego entre os jovens, dados sobre o desemprego, os problemas do desemprego na juventude. Já o tópico economia comportamental está dividido em: assimetria de informações, aversão ao risco, teoria dos prospectos.

3.1 EMPREGO E DESEMPREGO

O emprego e o trabalho por mais de que sejam utilizados como sinônimos, possuem uma diferente definição. Como Reinert (2001, p. 45) explica: “O trabalho é uma atividade inerente à condição humana e sempre existiu, independentemente do modo de produção vigente”. Trabalho envolve realização pessoal, um objetivo profissional. Já o emprego, “[...] é uma consequência específica do capitalismo [...]”. Ele é o elo de ligação formal entre o trabalhador e o modo de produção capitalista [...]” (REINERT, 2001, p. 45). A pessoa possui um emprego porque precisa de uma estabilidade financeira, se possui um emprego para se ter um sustento.

O IBGE² (2017, [s.p.]) na PME (Pesquisa Mensal de Emprego) conceitua o trabalho como:

[...] a ocupação econômica remunerada em dinheiro, produtos ou outras formas não monetárias, ou a ocupação econômica sem remuneração, exercida pelo menos durante 15 horas na semana, em ajuda a membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou a instituições religiosas beneficentes ou em cooperativismo ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

² Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Explicando melhor, o IBGE (2017) considera trabalho e emprego como sinônimos em suas bases de pesquisa. Já na definição de empregado segundo ele é a pessoa que cumpre uma jornada de trabalho, trabalha para um empregador e recebe remuneração, seja em mercadoria, dinheiro, benefícios ou mercadoria. Também são empregados sacerdotes, pastores, rabinos, quem presta serviço militar obrigatório, freiras dentre outros clérigos.

A população no mercado de trabalho se divide em vários conjuntos, de modo geral, Parkin, Carvalheiro e Yamagami (2009) apontam a composição desta população em dois grupos amplos, onde está a população em idade ativa, pessoas com 16 anos ou mais que não vivem em hospitais, prisão ou em algum tipo instituição; e pessoas que são incapazes de trabalhar, ou que vivem em instituições, ou são jovens demais para trabalhar.

“*População residente* é o total de pessoas vivendo em um certo país em certo momento de tempo, independente de sua idade e se está ou não trabalhando, procurando trabalho ou ociosa” (BACHA, 2004, p. 200). Este autor explica, que por ser uma variável estoque, ela é mensurada em dado momento específico de tempo. Então, para seu cálculo são utilizados os seguintes fatores:

População residente = população economicamente ativa + população não economicamente ativa + pessoas incapacitadas ao trabalho

População em Idade Ativa (PIA) são todas as pessoas aptas que podem exercer determinada atividade econômica e estão dentro da classificação etária para isto (MARIOTTI, [s.d.]). Parkin, Carvalheiro e Yamagami (2009, p. 501) ainda colocam que a população em idade ativa se divide em dois grupos: “as pessoas que fazem parte da força de trabalho e aquelas que estão fora dela”.

“No Brasil, e para o IBGE, a PIA é composta por toda população com 10 (mínimo) ou mais anos de idade” (MARIOTTI, [s.d.], p. 9). Embora ser proibido o trabalho infantil no país, o IBGE mantém esse parâmetro para a composição da PIA. Já a OIT³ define 16 anos como a idade mínima recomendada para o trabalho, sendo então considerada um parâmetro internacional.

A População não economicamente ativa são as pessoas que não estão procurando emprego e nem trabalhando, mas são aptas para tal (BACHA, 2004). Ou seja, são as pessoas da população em idade ativa que não estão empregadas nem

³ Organizacao Internacional do Trabalho, uma agência das Nações Unidas que promove oportunidades à sociedade no acesso de melhores condições de trabalho.

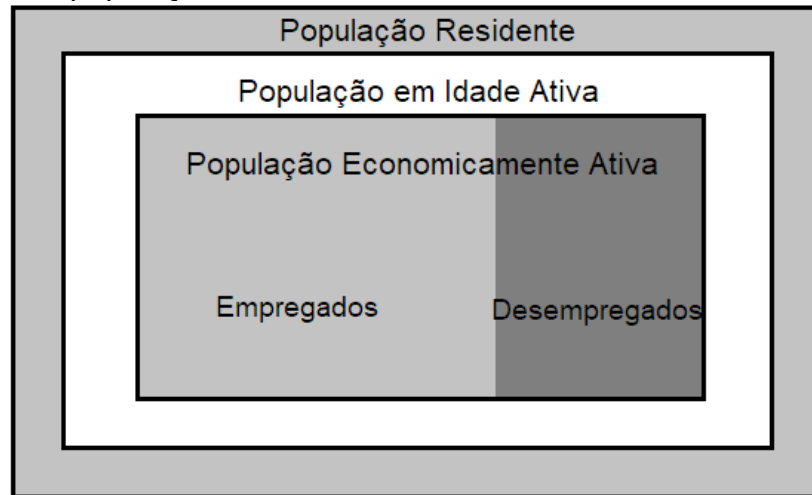
desempregadas na qual situam-se fora da força de trabalho (PARKIN; CARVALHEIRO; YAMAGAMI, 2009, p. 501). Incluem-se nessa categoria os estudantes, aposentados, pensionistas, pessoas dedicadas às atividades do lar e trabalhadores desalentados (indivíduos que gostariam de trabalhar, mas desistiram de procurar emprego) (MANKIW, 2013, p. 567-571). Já as pessoas incapacitadas ao trabalho são aquelas pessoas que não estão classificadas na PEA ou na população não economicamente ativa, inválidas física e/ou mentalmente para trabalhar, abaixo de certa idade (por exemplo, 10 anos, como classifica o IBGE), idosos, réus, entre outros (BACHA, 2004).

Mariotti ([s.d.], p. 10) menciona que, “na esfera das Notas Metodológicas do IBGE, a força de trabalho (também denominada pelo Instituto de População Economicamente Ativa – PEA) é constituída pela população ocupada e pela população desocupada”. De modo geral a força de trabalho é composta pelos empregados e os desempregados (MANKIW, 2013). Sendo então a força de trabalho a soma dessa população.

A definição de empregado e desempregado é diferente em cada país, cada um mensura o desemprego de seu modo, mas no geral muitos deles buscam seguir as recomendações da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que busca “[...] promover oportunidades para que homens e mulheres possam ter acesso a um trabalho decente e produtivo, em condições de liberdade, equidade, segurança e dignidade” (OIT, 2017, [s.p.]). A definição comum de empregados conforme Mankiw (2013) são aqueles que trabalham como assalariado, que possuem negócio próprio, ou trabalham com familiar. Incluindo o trabalho integral ou de meio período, os afastados por doenças, férias ou mau tempo. Ainda definido pelo autor os desempregados são as pessoas que não estão empregadas, pessoas disponíveis para o trabalho e que buscam uma colocação, incluídos também os que foram dispensados temporariamente.

Em uma síntese melhor explicada, a Figura 1 representa a divisão da população pelo mercado de trabalho:

Figura 1 - Divisão da população.



Fonte: Adaptado de Bacha (2004).

“A quantidade de desemprego é um indicador da extensão na qual as pessoas que querem trabalhar não conseguem encontrar emprego” (PARKIN; CARVALHEIRO; YAMAGAMI, 2009, p. 501). Explicado por Mankiw (2013) a taxa de desemprego mostra o percentual da força de trabalho que está desempregado, isto é:

$$\text{Taxa de desemprego} = (\text{Número de desempregados} / \text{Força de trabalho}) * 100$$

Para uma compreensão melhor do desemprego é preciso entender como ele é estruturado. Sendo assim o desemprego é classificado em três tipos:

- Friccional;
- Estrutural;
- Cíclico.

O Desemprego Friccional: é “resultante da rotatividade normal da mão-de-obra – de pessoas entrando na força de trabalho e saindo dela e da contínua criação e eliminação de empregos” (PARKIN; CARVALHEIRO; YAMAGAMI, 2009, p. 507). Ainda explicado pelo autor este é um fenômeno sempre presente em uma economia dinâmica e em expansão, ele é necessário para a circulação de mão-de-obra. Por exemplo: funcionário se demite de uma empresa para trabalhar em outra.

Desemprego Estrutural: é “o desemprego que surge porque o número de empregos disponíveis em alguns mercados de trabalho é insuficiente para proporcionar emprego a todos que o desejam” (MANKIW, 2013, p. 574). Por exemplo: quando ocorrem mudanças tecnológicas, uma empresa substitui algum trabalho manual por um serviço mais automatizado.

Desemprego Cíclico: “O desemprego flutuante ao longo do ciclo econômico”

(PARKIN; CARVALHEIRO; YAMAGAMI, 2009, p. 508). Quando ocorre uma recessão econômica ele aumenta e durante uma expansão ele diminui. Exemplo: em um período de recessão uma empresa resolve demitir alguns funcionários a fim de diminuir suas receitas.

De acordo com Mankiw (2013, p. 565) “Um determinante ainda mais óbvio do padrão de vida de um país é o nível de desemprego que ele realmente enfrenta. As pessoas que gostariam de trabalhar, mas não conseguem encontrar emprego, não estão contribuindo para a produção de bens e serviços da economia”. “[...] o desemprego é caracterizado como sendo a não possibilidade do trabalho assalariado nas organizações de um modo geral” (REINERT, 2001, p. 46). Suas consequências, tanto do ponto de vista pessoal quanto do social e político, podem ser devastadoras (REINERT, 2001). Perder emprego é uma fase econômica difícil na vida das pessoas. Muitos precisam de remuneração para se manter, sustentar as famílias, outros tem no emprego suas realizações profissionais, que com a perda do mesmo deixa-os desolados e com problemas em relação ao futuro que os espera.

3.1.1 Desemprego entre os jovens

Tendo em vista a complexidade que a temática juvenil representa atualmente ela vem sendo abordada com mais recorrência. Mas ainda assim, vem sendo exposta de maneira muito fragmentada no Brasil (POCHMANN, 2007).

Freeman e Wise (1982, p. 2, tradução nossa) explicam sobre a diferença entre estar desempregado e fora da força de trabalho e como os jovens se encaixam no mercado:

[...] the traditional distinction between being unemployed (out of work and looking for a job) and being out of the labor force (out of work and not looking or a job) appears less clear for young persons than for older workers. Many youths are on the borderline between seeking work and not seeking work, and switch frequently from one group to the other. Some youths who are out of the labor force may in fact desire to work but have simply given up looking. On the other hand, some youths who are classified as unemployed may not be seeking work as actively as unemployed adults. In addition, many youths who are classified as unemployed are also in school full time, an activity that many would consider as productive as work.

Eles explicam que a diferença entre estar desempregado e estar fora da força de trabalho parecem menos claras para os jovens do que para trabalhadores mais

velhos. Pelos jovens estarem na fronteira entre procurar trabalho e não procurar trabalho, e estarem frequentemente mudando de um grupo para o outro. Alguns fora da força de trabalho podem de fato desejar trabalhar, mas simplesmente desistiram de buscar. Por outro lado, alguns que estão classificados como desempregados podem não estar buscando trabalho tão ativamente como desempregados adultos. Além do mais, muitos jovens que são classificados como desempregados também estão estudando, uma atividade considerada tão produtiva quanto trabalho.

Doege e Bittencourt (2010, p. 4) ressaltam em seu estudo das estruturas do mercado de trabalho que:

Os diferentes grupos populacionais (jovens, adultos, idosos) apresentam taxas de desemprego distintas, sendo o desemprego e a inatividade dos jovens mais altos do que para os outros grupos, o que torna a participação desta população sobre o total um elemento relevante da análise.

O menor se caracteriza como mão de obra descartável. Na perspectiva setorial, as portas de entrada para essa população tendem a ser a agricultura, comércio e serviços. Na primeira, geralmente ingressam jovens de idade e escolaridade mais baixa, de também origem social mais modesta. Na indústria o ingresso é mais tarde, quando o jovem possui uma escolaridade maior e também podem ter passado por outro setor antes deste, a indústria é um setor mais seletivo e costuma escolher jovens por excelência na escola. Já setores como o comércio apresentam níveis (entrada de jovens) maiores que o da indústria, pela predominância de ocupações não manuais (GOMES, 1990).

Os baixos índices da juventude no mercado de trabalho, instigou a busca por maiores explicações para Doege e Bittencourt (2010), nos quais eles dividiram o desemprego entre essa faixa da população em questões de demanda e de oferta:

- Questões de demanda explicam que os jovens são mais suscetíveis a flutuações econômicas. Em épocas de crises onde o desemprego da população de um país aumenta, o mercado de trabalho se torna mais competitivo, demandando de candidatos que possuem mais qualificação e experiência no mercado, deixando os jovens que são menos experientes como a última opção;
- Já pelo lado da oferta acredita-se que o motivo do desemprego entre os jovens é por causa de suas características naturais, pois eles apresentam maior rotatividade e permanecem menos tempo em um

emprego. A causa disso pode ser muito pela sua maturidade e atitudes no ambiente de trabalho, muitos buscam encontrar sua carreira a seguir futuramente, passando de emprego a emprego até se decidirem, outros buscam atingir algum objetivo de curto prazo, como a compra de algo de seu interesse ou pagar uma viagem, havendo também os jovens que buscam emprego em períodos de férias letivas.

Os jovens reagem de modos diferentes às situações econômicas do país, atuam com uma maior sensibilidade em relação à conjuntura econômica. “Destaca-se um subgrupo, dentro do mercado de trabalho, para o qual a intensidade ou a direção dos efeitos parece ocorrer de forma diferenciada: o jovem” (GARCIA, *et al*, 2012, p. 483).

Com os resultados de sua análise sobre a transição dos jovens para o primeiro emprego, Reis (2014a, p. 31), conclui que diferente dos demais trabalhadores que já tiveram emprego antes, os jovens que buscam o primeiro emprego apresentam probabilidades menores de sair do desemprego. Porém, a situação dos jovens que já trabalharam antes se assemelha a dos adultos. Mostrando que a dificuldade que os jovens encontram para encontrar emprego se associa particularmente ao primeiro emprego. Quando o jovem adquire alguma experiência no mercado de trabalho, a probabilidade de conseguir emprego se apresenta mais semelhante à dos trabalhadores mais velhos.

“A emergência do desemprego estrutural entre os jovens torna mais distantes as possibilidades de constituição de trajetórias ocupacionais e de vida vinculadas à ascensão social” (POCHMANN, 2007, p. 2). “A evidência nos perfis de ganhos por idade sugere que o salário é relativamente baixo para jovens, aumenta à medida que o trabalhador amadurece e acumula vários tipos de habilidades e, depois, pode declinar levemente para os mais velhos” (BORJAS, 2012, p. 72).

De acordo com a análise de Garcia, *et al* (2012), é observado que o primeiro emprego apresenta características diferenciadas em relação ao emprego, ressaltando que o primeiro emprego é muito mais dependente do crescimento econômico do que qualquer outra variável. “Observa-se, neste caso, que a variável primeiro emprego é mais sensível às variações no PIB industrial que o emprego como um todo, mostrando-se muito mais dependente do ciclo econômico” (GARCIA, *et al*, 2012, p. 497).

“Esse novo cenário não tardou a explicitar a incompatibilidade entre oferta e

demanda de profissionais qualificados para determinadas ocupações” (SCHNEIDER, 2014, p. 144). Como resultado da análise de Reis (2014a) a escolaridade é uma das variáveis que influenciam os jovens na saída para um emprego, sobre o qual o mercado de trabalho prefere indivíduos de maior escolaridade, mostrando que o quanto maior for o nível de educação do indivíduo em busca de emprego, mais facilmente ele poderá sair da situação de desempregado.

No que se refere à importância da experiência, Gonçalves e Monte (2008) destacam que os jovens brasileiros, embora tenham um nível de escolaridade superior aos trabalhadores mais velhos, acabam se inserindo em ocupações de baixa qualidade. Já os trabalhadores com experiência profissional possuem maior facilidade de inserção em atividades de maior produtividade e rendimento, ou seja, a inserção ocupacional dos trabalhadores ocorre de forma heterogênea, quase sempre favorável aos trabalhadores com maior experiência (GONÇALVES; MONTE, 2008, *apud* GARCIA, *et al*, 2012, p. 487).

“Os jovens podem não apenas passar por um período longo de desemprego até a obtenção de um trabalho, como este emprego pode apresentar características específicas, associadas a certo grau de precariedade do posto de trabalho” (REIS, 2014a, p. 8). Andrade (2005) explica que com o mercado de trabalho cada vez mais competitivo torna-se mais difícil a integração do jovem para ter uma experiência. Mesmo aqueles jovens que ingressaram no mercado encontram dificuldade, por entrarem muito cedo, geralmente aceitam qualquer atividade e remuneração, até mesmo abandonando a escola, para se estabelecer em um emprego, o que gera um ciclo de pobreza e alienação ao trabalho.

[...] analisando os determinantes da duração do desemprego na região metropolitana de São Paulo, mostram que o fato do indivíduo nunca ter trabalhado anteriormente reduz significativamente a probabilidade de conseguir emprego. Como a maior parte dos trabalhadores nesta situação são jovens, este resultado pode estar refletindo, pelo menos em parte, a dificuldade para se obter o primeiro emprego. (MENEZES-FILHO; PICHETTI, 2000 *apud* REIS, 2014a, p. 10).

Em sua análise das elasticidades de curto e longo prazo, Garcia, *et al* (2012, p. 500), revelam que:

[...] tanto o emprego como o primeiro emprego, são elásticos às variações na produção industrial, isto é, aumentos na produção industrial levam a aumentos mais que proporcionais no nível de emprego e primeiro emprego. Além disso, vale destacar que o primeiro emprego parece responder menos ao aumento da produção industrial que o emprego.

Figueiró (2012) explica sobre as pressões sociais que, o desemprego na

população jovem, influenciam o governo a buscar medidas para diminuir a taxa de desemprego dessa faixa etária. Como a criação do Programa nacional de estímulo ao primeiro emprego de jovens (PNPE), em 2003, com a intenção de ajudar jovens de baixa renda e pouca escolaridade a entrar no mercado de trabalho (GUIA DE DIREITOS, [s.d.]). Esse programa dava vantagens às empresas que oferecessem vagas a jovens de 14 a 24 anos, de famílias de baixa renda *per capita* e de baixa escolaridade. Esse era um dos principais programas do Ministério do trabalho e emprego (MTE) para inserir essa faixa etária no mercado de trabalho. Esse programa apresentou alguns problemas, um número considerável de jovens ainda tinha dificuldades para conseguir trabalho, dentre eles os portadores de deficiência, afrodescendentes, população indígena, mães jovens, habitantes de centros urbanos, entre outros, tiveram menos oportunidades, e eram excluídos (ANDRADE, 2005), durando assim até o ano de 2008, sendo seus investimentos destinados a outro projeto denominado ProJovem, também não obtendo sucesso. O governo então criou o programa jovem aprendiz, em 2005, estabelecendo as empresas de grande e médio porte a obrigatoriedade de contratar jovens de 14 a 24 anos, estudantes da rede pública de ensino médio ou técnico, como aprendizes na empresa, pois depois de estudos foi diagnosticado que o desemprego dessa população era devido a qualificação profissional deficiente no qual os jovens entravam no mercado de trabalho e não por causa da falta de oportunidade nas empresas (FIGUEIRÓ, 2012).

Informações sobre os jovens, ainda se conservam em temáticas generalizadas. Muitas pesquisas e debates, enfocam o jovem como um problema social, onde são vistos como sujeitos incoerentes e irresponsáveis pela ótica do negativismo, mas também como agentes propulsores da mudança social, suas representações elaboradas pela sociedade são comumente apontadas pela ambiguidade (CAMARANO, *et al*, 2004).

3.1.2 Dados sobre o desemprego

O IBGE tem a responsabilidade de coletar os dados sobre emprego e desemprego no Brasil, desde 1980 ele realiza a partir da Pesquisa mensal de emprego (PME). A PME é uma pesquisa de periodicidade mensal sobre mão-de-obra e rendimento do trabalho, onde seus dados são obtidos de uma amostra probabilística

de, aproximadamente, 38.500 domicílios situados nas Regiões Metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, de acordo com o site oficial do IBGE (2017).

O IBGE para aprimorar as estatísticas produzidas pela instituição encerrou a PME substituindo seus indicadores pela PNAD Contínua, que possui uma maior representatividade geográfica. (IBGE, 2017). Com a inserção desse novo parâmetro de pesquisa, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, em 2016, o IBGE substituiu a PME para este indicador, que possui uma abrangência maior da conjuntura do país. Enquanto a PME abordava as seis principais regiões metropolitanas a PNAD obtém informações anuais sobre características demográficas e socioeconômicas da população, de abrangência geral da mesma.

Na macroeconomia o pleno emprego é conhecido como o equilíbrio no mercado de trabalho, onde, a uma taxa de salários, todos os trabalhadores aptos e dispostos a trabalhar estão empregados. Já na microeconomia este conceito está associado a produção máxima da economia, onde seus recursos estão plenamente empregados (LOPES; VASCONCELLOS, 2008).

Não existe 0% de desemprego, mesmo em uma economia considerada em pleno emprego, no mercado de trabalho essa condição é impossível, não se pode ocorrer uma circulação de mão de obra se toda ela estiver empregada. “As características do mercado de trabalho fazem com que este apresente sempre muitos indivíduos em trânsito, daí decorre que pleno-emprego não signifique ausência de desemprego” (DUARTE; ANDRADE, 2000, p. 5). “O pleno emprego significa a utilização da capacidade máxima de produção de uma sociedade e, evidentemente, deve ser utilizada para elevar a qualidade de vida da população” (KON, 2012, p. 8).

Em sua análise dos conceitos teóricos e empíricos sobre o pleno emprego no mercado de trabalho brasileiro e sua interpretação dos indicadores utilizados no país Kon (2012, p. 20) conclui que:

A pesquisa base para a determinação do desemprego no país oculta esta real situação da qualidade do trabalho e dificulta as análises conjunturais que servem de base para o entendimento da situação do país no contexto mundial, particularmente em momentos de crise econômica, e pode viesar a elaboração de políticas públicas e privadas voltadas para a modernização do mercado de trabalho.[...] Assim, o problema de definir, ou interpretar o significado do estado de pleno emprego em uma economia significa também entender o nível de intervenção governamental possível e necessária através de políticas públicas para manter aquele estado. A utilização de um indicador específico para a análise do mercado de trabalho pode

ocultar o verdadeiro diagnóstico da situação brasileira, dificultando a formulação das políticas necessárias de apoio a este mercado e à força de trabalho.

O que pode ser compreendido é que o autor não acha certo utilizar apenas um indicador específico para explicar toda a situação do mercado de trabalho, por existirem diversos agentes, possuir muitas áreas e por haver inúmeras particularidades no mercado que possam influenciar o contexto econômico, o que por causa disso, segundo o autor são necessários vários indicadores. Essa ideia afeta também nas decisões públicas sobre o mercado de trabalho, pois podem deixar brechas da situação da força de trabalho e dificultar em determinadas áreas da economia do país.

“Dados de distribuição do emprego são difíceis de coligir. Além do mais, é perigoso compará-los entre países. Grande parte desta dificuldade provém do fato de que as pessoas tendem a possuir mais de uma ocupação” (BHAGWATI, 1975, p. 50). Sobre as fontes de dados e informações sobre o emprego, Freeman e Wise (1982) já haviam relatado há mais de duas décadas que cada fonte possui diferentes estimativas sobre o número de jovens empregados, tanto por instituições públicas quanto privadas. O qual estes autores deixam como lição de que as dimensões da juventude empregada e desempregada não podem ser medidas adequadamente com um padrão estatístico (FREEMAN; WISE, 1982).

3.1.3 Os problemas do desemprego na juventude

De acordo com Andrade (2005, p. 3) as taxas de desemprego dos jovens equivalem ao dobro das da população adulta, “[...] sendo que as faixas etárias juvenis mostram-se as maiores das pirâmides populacionais, [...]” na qual indica que essa população requer uma política que garanta o acesso ao mercado de trabalho.

A busca de emprego é geralmente facilitada pela política pública, por meio de programas e agências governamentais de emprego, a política pública consegue diminuir o intervalo de desemprego diminuindo a taxa natural de desemprego. Mas muitos criticam essa intervenção do governo, acreditam que deve-se deixar com o mercado privado essa responsabilidade, que as decisões de emprego, onde trabalhar, quem contratar, deve ser tomada apenas pelos trabalhadores e empregadores (DOEGE; BITTENCOURT, 2010).

De acordo com Zylberstajn e Balbinotto Neto (1999) pode-se classificar, as políticas que procuram lidar com o desemprego, em dois grandes grupos: políticas passivas e políticas ativas. As políticas passivas consideram como dado o nível de desemprego com o objetivo de dar assistência ao desempregado e/ou sua família como por exemplo o seguro desemprego. As políticas Ativas que buscam melhorar o desempenho do mercado de trabalho e atender os indivíduos que estão na situação do desemprego, estão divididas em três categorias: políticas de oferta (investimentos em educação), políticas de demanda (onde é procurado buscar estimular o aumento do emprego), e políticas que melhorem o fluxo de informações do mercado de trabalho.

“Embora seja reconhecido o fato de que o crescimento da economia seja o fator capaz de criar condições para a maior inserção do jovem no mercado de trabalho[...]” (GARCIA, *et al.*, 2012, p. 502) este autor ainda aponta em sua pesquisa que por mais que seja necessário isso não é o suficiente para solucionar este problema, pois é preciso adotar outras medidas como políticas de educação, investimentos na qualificação, entre outros. “[...] parece haver um consenso de que se devam adotar cada vez mais políticas ativas, que visam capacitar os indivíduos desempregados a obter renda e emprego, ao invés de sustentá-lo via seguro-desemprego” (ZYLBERSTAJN; BALBINOTTO NETO, 1999, p. 131).

Em suas considerações Zylberstajn e Balbinotto Neto (1999, p. 131) observam que:

[...] as políticas de emprego e desemprego devem, assim, levar em conta que há diferenças entre os desempregados. O desemprego é causado por diversos fluxos e por diversas causas. Para aumentar a eficiência das políticas, os países com mais tradição no combate ao desemprego estão formulando medidas cada vez mais focadas em grupos específicos. Estas políticas tendem a substituir as políticas mais gerais, que implementavam medidas homogêneas para o conjunto da população de desempregados, sem levar em conta as diferenças existentes; [...]

Reinert (2001) explica que a implementação de políticas de combate ao desemprego pode ocorrer por causa de incompetência e de descaso tanto do setor público como do privado. Pois dependendo do ponto de vista dessas esferas, algumas políticas beneficiam um e prejudicam o outro. Um exemplo são os salários como solução para o desemprego: para o setor privado a diminuição do salário pode reduzir os custos, aumentar as margens do lucro e com a competitividade, por fim, pode gerar novos empregos. Mas para o setor público, se todos ganham menos, eles possuem

menos poder de compra, a venda e a produção acabam diminuindo, junto com a diminuição da massa de lucro da economia, que, em função das deseconomias de escalas, os custos aumentam, o mercado perde competitividade o que resulta no aumento do desemprego.

Se por um lado a maior contratação por primeiro emprego depende principalmente do ritmo de crescimento da economia, se a economia cresce, isso por si só, não garante a solução do elevado desemprego juvenil, cuja redução, carece de outros incentivos, o que remete para a necessidade de se promoverem políticas públicas que facilitem o acesso ao mercado de trabalho, tendo em conta que essa é uma importante parcela da força de trabalho total (GARCIA, *et al*, 2012, p. 503).

Ban Ki-moon, secretário geral das nações unidas (ONU) em 2014, comentou que os governos precisam investir mais em iniciativas e projetos que promovam o emprego para jovens, pois tanto em países ricos como pobres as taxas de desemprego entre os jovens muitas vezes são maiores que a da população adulta. Estes os quais representam um enorme recurso para a inovação e desenvolvimento (UNRIC, 2014). Camarano, *et al* (2004), ainda ressalta que os jovens são os principais fomentadores e atores das inovações no mundo das informações. Eles experimentam uma escolaridade mais elevada e cresceram em meio ao desenvolvimento da informatização e microeletrônica, os quais são capazes de se adaptar às suas decorrentes mudanças.

3.2 ECONOMIA COMPORTAMENTAL

Samson (2015) define a economia comportamental como o estudo das influências cognitivas, emocionais e sociais observadas sobre o comportamento econômico das pessoas, no qual emprega em principal parte a experimentação para desenvolver teorias sobre a tomada de decisão pelo ser humano. De acordo com o que supõe os modelos de economia, as pessoas buscam, sempre que possível, obter o melhor resultado econômico ao fazer suas escolhas. Mas o comportamento humano não é tão simples, nem sempre as escolhas terão os resultados esperados, e é esse o tema da economia comportamental. É um ramo da economia que combina as percepções da psicologia econômica com a construção de modelos econômicos, buscando entender como as pessoas de fato fazem escolhas econômicas (KRUGMAN; WELLS, 2015).

Como a vida não é simples e os problemas não são fáceis de resolver, tentamos repetidamente melhorar o comportamento a partir de informações que podem melhorar ou não as coisas. Hoje em dia a maior parte dos problemas não se dão mais devido à falta de informação (ARIELY, 2015).

Como tem documentado, as pessoas frequentemente têm comportamento irracional, fazendo escolhas que as deixam em situação pior do que em outras opções disponíveis. Porém, nem sempre as decisões diferentes das que geram maior lucro econômico são irracionais, depende de como são vistas as perspectivas (KRUGMAN; WELLS, 2015).

Se as pessoas fossem 100% racionais seria apenas elas terem as informações necessárias para tomar suas decisões que imediatamente as fariam corretamente. Mas ao ser vivenciado, essa ilusão de sensatez se desfaz na hora. Ao examinar os menores detalhes da vida, cada vez mais podem ser vistas as nossas decisões ruins (ARIELY, 2015).

Enquanto construirmos o mundo à nossa volta pressupondo que as pessoas possuem capacidade cognitiva ilimitada e nenhuma emoção que interfira em nossas decisões, fracassaremos — frequentemente e em escalas cada vez maiores. Porém, se entendermos verdadeiramente as limitações humanas e projetarmos o mundo com base nessa noção, teremos produtos e mercados que serão muito mais compatíveis com nossa capacidade humana e que nos permitirão, por fim, florescer (ARIELY, 2015, p. 24).

Um pouco diferente da escola das expectativas racionais, ou novos clássicos, que defendem a verificação do comportamento dos agentes econômicos no tempo ao formarem suas expectativas sobre alguma variável econômica. Eles acreditam que existe uma teoria econômica que explica o comportamento dessas variáveis e com base em suas próprias teorias explicativas os agentes formariam suas expectativas, evitando erros sistemáticos (VASCONCELLOS, 2006).

Somos influenciados por informações lembradas, sentimentos gerados de modo automático e estímulos salientes no ambiente. Além disso, vivemos o momento, isto é, tendemos a resistir às mudanças, a não sermos bons para predizer preferências futuras, somos sujeitos a distorções de memória e afetados por estados psicológicos. Finalmente, somos animais sociais, com preferências sociais como aquelas expressas na confiança, altruísmo, reciprocidade e justiça, e temos o desejo de ser coerentes conosco e de valorizar as normas sociais (SAMSON, 2015, p. 26).

Krugman e Wells (2015) explicam que a irracionalidade da maioria das pessoas é de modo imprevisível e esse comportamento vem de seis erros nos quais são

pensados ao tomarem decisões econômicas: Perder oportunidades, ter excesso de confiança, ter expectativas irreais sobre o futuro, calcular valores de maneira desigual, ter aversão a perdas, e ter aversão ao *status quo*. Esses são considerados pelos economistas e psicólogos os principais motivos do comportamento econômico irracional.

3.2.1 Assimetria de informações

“Uma das causas mais graves de falhas de mercado é a informação assimétrica, situação em que alguns participantes do mercado têm melhor informação do que outros” (BAYE, 2010, p. 529). “A não existência de informações corretas e suficientes para orientar a decisão dos agentes econômicos limita sua capacidade de agir de modo eficiente, sendo fonte de mau funcionamento dos mercados e perda de bem-estar” (LIMA, 2005, p. 31).

Nem todos os indivíduos do mercado possuem as mesmas informações. Um exemplo de assimetria de informações é o mercado de crédito (a relação entre devedores e credores), são dois os principais problemas citados em literatura: seleção adversa e risco moral. A primeira quando o credor desconhece sobre o tipo do tomador, ele não sabe quão propenso ao risco, responsável e honesto é o tomador. Já o risco moral é quando envolve a falta de informação por parte do prestador sobre o que o tomador vai fazer com o empréstimo, qual seria a ação que este resolverá fazer (NERI, 2008).

O fenômeno da informação assimétrica é de grande importância para esse mercado. Os contratos de crédito, que envolvem a promessa de pagamento futuro, são cruciais para calcular a probabilidade de empréstimo, onde o qual, a partir da natureza destes, é possível identificar o perfil e as intenções de um potencial devedor. Porém, essa assimetria de informações acaba gerando seleção adversa neste mercado, onde, na maioria das vezes, tais informações não são acessíveis a credores de baixo custo (OLIVEIRA; WADA, 2012).

Para que haja seleção adversa é preciso que antes de contratos serem firmados ocorra assimetria de informação, esse caso é caracterizado como assimetria de informação *ex ante*. Sempre quando há informação relevante que não pode ser obtida a baixo custo há assimetria de informação. Uma vez presente essa, “sempre

que o funcionamento do mecanismo de preços *piorar* a situação do agente que não dispõe da informação necessária no momento de firmar o contrato, diz-se que há um problema de **seleção adversa**” (FIANI, 2006, p. 360).

Várias políticas governamentais são criadas para amenizar os problemas causados pela informação assimétrica. A presença dessa falha de mercado pode levar compradores se recusarem a comprar pelo medo de que os vendedores estejam querendo se livrar de seus produtos, por valerem menos do que eles estão dispostos a pagar. Levando ao extremo, as informações assimétricas podem levar o mercado a um colapso (BAYE, 2010).

Mattos (2003, p. 89-90) explica: “A principal mensagem de AKERLOF (1970) em seu artigo é que a assimetria de informação é prejudicial ao bom funcionamento do mercado, acarretando uma retração do mesmo, com conseqüente perda de bem-estar para toda a população”. Este autor ainda mostra em seu trabalho que as piores consequências geradas pelo problema da assimetria de informação no mercado se dá por causa da ética.

Outro exemplo envolvendo a assimetria de informação, e também a ética, está nas propagandas. Geralmente as empresas tem maiores informações a respeito de seus produtos que os consumidores. Essas vantagens podem levar as empresas a fazerem falsas propagandas sobre seus produtos, vendendo mais e aumentando o lucro sobre a falta de informação dos consumidores, mas que também, a partir dessa prática, podem levar os consumidores a trocar o produto da empresa por de um competidor. Em casos extremos, devido a informação assimétrica, consumidores podem ignorar as propagandas pelo medo delas serem falsas. Por isso, aliviando essas falhas de mercado, o governo pode regular as práticas de propaganda das organizações (BAYE, 2010).

Tavares (2013) completa sobre a seleção adversa e risco moral, que originam da assimetria de informação, onde no risco moral, quando a parte detentora de mais informação, o vendedor, por exemplo, tira vantagem da assimetria de informação e pede um preço maior ao do equilíbrio de mercado. Já a seleção adversa, quando um mercado, que nunca atinge o equilíbrio real, e um bem de qualidade inferior atingem um preço maior que o de maior qualidade.

Da mesma forma que os compradores não têm certeza sobre a qualidade dos produtos colocados à venda, o mercado de trabalho também tem esse comportamento. As poucas informações que as firmas têm sobre as características

produtivas dos trabalhadores no início da carreira podem ser de grandes impactos sobre o desemprego. Essas informações são adquiridas com o tempo, a medida que é observado o desempenho dos empregados no mercado de trabalho (REIS; CAMARGO, 2005). O empregador não sabe da capacidade produtiva do candidato, apenas depois da contratação ele pode se certificar da qualidade do empregado. A contratação é um investimento, o fato de que essas capacidades não são conhecidas de antemão torna a decisão sob incerteza (SPENCE, 1973).

Giambiagi e Schwartzman (2014) citam um trecho de Camargo, explicando a assimetria de informação sobre a produtividade de trabalhadores de baixa qualificação, onde esse grupo possui baixa assimetria, no qual facilita ao empregador na determinação do salário dos mesmos, pois este é um grupo homogêneo e de baixa produtividade. Ao decorrer do aumento do nível de qualificação destes trabalhadores aumenta a heterogeneidade, o que significa que há um maior número de informações sobre eles no mercado que provam sua produtividade, diminuindo assim a assimetria de informações e então facilitando a determinação de salários. Já o grupo intermediário destes além de ser heterogêneo, onde o empregador tem poucas fontes de informações sobre a produtividade destes trabalhadores, faz com que o empregador ofereça o menor salário possível para atraí-los. Sendo assim, cabe ao trabalhador escolher e se auto avaliar se o mesmo condiz ao nível de produtividade que o salário oferecido, recusando ou aceitando a oferta de emprego.

3.2.2 Aversão ao risco

Com a incerteza e desconhecimento dos resultados, quase toda escolha é acompanhada por um risco. Não importa a decisão tomada, onde o ganho possa ser alto, também existe a possibilidade de dar errado e ficar em uma situação pior. É neste ponto que entra a aversão ao risco, quando uma pessoa dispõe-se de sacrificar algum ganho econômico potencial com a intenção de evitar uma perda potencial. As pessoas se sentem desconfortáveis com o risco e é normal abrirem mão de algum ganho potencial para evitá-lo (KRUGMAN; WELLS, 2015). “As pessoas tratam ganhos e perdas de maneira assimétrica, atribuindo às perdas um peso muito maior em suas decisões do que aos ganhos” (FRANK, 2013, p. 241).

Di Giorgi (2015) explica que com a aversão a perda, tendemos a evitar o que pode dar errado, se algo gerar incerteza, sentiremos vontade de diminuí-la e evitá-la. Por exemplo, as companhias de seguros, elas existem devido a aversão ao risco (KRUGMAN; WELLS, 2015).

Não é errado gostar de correr risco ou ter aversão ao risco, essa escolha depende das preferências de cada pessoa e de sua personalidade. “O importante é se essa postura perante o risco é adequada ao seu ambiente econômico” (CHEN; KRAKOVSKY, 2011, p. 30). “Assumir ou não riscos é uma escolha que deve ser tomada, respeitando o momento da empresa, sendo pertinente aos seus objetivos” (DI GIORGI, 2015, p. 114).

Na aversão ao risco situações de incerteza produzem efeitos diferentes, inversos, sobre as escolhas de venda e compra dos investidores por envolverem ganhos ou perdas possíveis. Sobre a possibilidade incerta de um ganho, os investidores se tornariam propensos ao risco com a tendência de tomar decisões arriscadas. Já diante a perda possível, se tornam avessas ao risco tomando decisões mais cautelosas. As tendências dependem do montante em risco (FRANCESCHINI, 2015).

A aversão pessoal ao risco é um dos principais motivos para a rejeição de ideias criativas pelas empresas. Alguns fatores são os principais motivos que fortalecem essa aversão: a falta de ética, o conservadorismo da empresa e a relevância daquela ideia. O conservadorismo, disfarçado de medo corporativo, é justificado pela aversão a perda (DI GIORGI, 2015).

3.2.3 Teoria dos prospectos

Daniel Kahneman e Amos Twersky desenvolveram a teoria do prospecto, onde os autores falavam sobre as tomadas de decisões em contextos econômicos e financeiros. Estes autores se concentram nas mudanças como fator principal nas decisões das pessoas, pois são a partir delas que se experimenta a vida (THALER, 2015).

A teoria da Perspectiva (teoria dos Prospectos) mostra que nem sempre as decisões são ótimas. Que dependendo do contexto, a disposição para correr riscos é influenciada pelo modo de como são apresentadas as escolhas. O trabalho destes

autores mostra que as decisões são tomadas a partir de como as escolhas são apresentadas sejam como ganho ou uma perda, cada pessoa tem uma reação diferente diante dessas escolhas (SAMSON, 2015). Essa teoria é de grande notoriedade tanto na economia quanto na psicologia, por demonstrar matematicamente e experimentalmente que indivíduos tendem a superestimar perdas e subestimar ganhos (SCHIAVON; VIEIRA; OLIVEIRA, 2018).

As pessoas têm uma maior aversão a perda do que o apreço a um ganho equivalente, pois é mais doloroso abrir mão de algo do que o prazer de um ganho. A aversão à perda está associada a essa teoria, e é um conceito importante da economia comportamental, no qual em síntese as perdas se destacam mais do que ganhos. A dor de perder é duas vezes mais poderosa do que o prazer de ganhar, psicologicamente, as pessoas tendem a correr mais risco para evitar perder (SAMSON, 2015).

Um exemplo, é preciso escolher entre duas opções: Aceitar 30 reais na hora (um valor que é certo de ganhar) ou fazer uma aposta no que se tem 80% de chances de ganhar 45 reais e 20% de chances de ganhar nada. Qual seria a escolha? Claro, a segunda opção é a mais lucrativa, ao pensar em seu ganho, mas a maioria das pessoas escolhem a primeira opção, por ter um resultado inicialmente certo e de resultado imediato. Este é um fenômeno chamado efeito certeza (WEBB, 2016). Não quer dizer que há algo irracional em optar pela escolha de resultado certo. O que o efeito certeza quer dizer é que “nossas escolhas em situações em que ambas as alternativas são arriscadas parecem implicar um grau de aversão a riscos mais baixo do que nosso comportamento em situações em que uma das alternativas é livre de riscos” (FRANK, 2013, p. 208). Ao ser apresentado essa escolha as pessoas escolhem a primeira alternativa, pela experiência que muitas tiveram ao terem aceitado um jogo e perdido. Nos tornamos mais sensíveis a experiências negativas quando não sabemos o que está acontecendo, por nos sentirmos ameaçados (WEBB, 2016).

“No efeito certeza tem-se que as pessoas procuram ponderar menos os resultados que são prováveis em relação aos resultados que são considerados certos” (FAVERI; VALENTIM; KROETZ, 2013, p. 6). As pessoas evitam situações nas quais as faltam informações, por essas decisões fazerem o cérebro trabalhar bem mais, tendo que avaliar a possibilidade de diversos cenários, o sistema automático do cérebro costuma evitar e sempre que pode poupar energia mental (WEBB, 2016). As

peessoas tratam cada evento separadamente, em vez de seu efeito combinado, avaliando os eventos primeiro e depois somando todos os valores que antes estavam separados (FRANK, 2013). “As pessoas atribuem peso desproporcional a pequenas probabilidades, o que explica por que jogam na loteria: é um gasto pequeno com a possibilidade de um ganho grande” (SAMSON, 2015, p. 365).

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste tópico é apresentada a relação da economia comportamental com o desemprego entre os jovens, mostrando os aspectos relativos à dificuldade do jovem para encontrar um emprego. Apontando assim, como a economia comportamental pode explicar o fato da não contratação destes, levantando em contraste o ponto de vista empregatício que dificulta a entrada do jovem no mercado de trabalho. Sendo assim, este tópico é dividido em três teorias, assimetria e informações, aversão ao risco e teoria do prospecto, uma levando a outra e apresentando a relação destes com a situação do jovem brasileiro.

4.1 ECONOMIA COMPORTAMENTAL E O DESEMPREGO ENTRE OS JOVENS

No Brasil o desemprego entre os jovens (16 a 24 anos) não é muito abordado pela população, tanto em notícias quanto em pesquisas, mas muitos tem consciência da dificuldade enfrentada pela juventude na busca de um emprego. No Quadro 1 pode ser visualizado o comportamento da variação do emprego e primeiro emprego no mercado de trabalho brasileiro de 1999 até 2009, deixando em destaque seus momentos de altas e baixas e explicados em seguida.

Quadro 1 - Evolução do emprego e primeiro emprego no Brasil de 1999 á 2009

Ano	Emprego	Variação %	Primeiro emprego	Variação %
1999	8181425	1,41	1412573	-5,7
2000	9668132	18,17	1742998	23,4
2001	10351643	7,07	1818386	4,3
2002	9812379	-5,21	1850536	1,8
2003	9809343	-0,03	1797104	-2,9
2004	11296496	15,16	2084194	16
2005	12179001	7,81	2256025	8,2
2006	12831149	5,35	2284357	1,3
2007	14341289	11,77	2463058	7,8
2008	16659331	16,16	2776256	12,7
2009	16187640	-2,83	2455667	-11,5

Fonte: Adaptado de Caged/MTE, 2010 (*Apud* GARCIA, *et al*, 2012).

Como pode ser visualizado no Quadro 1, de 2002 para 2003 houve uma queda no emprego e primeiro emprego, aparentemente resultado de um período de

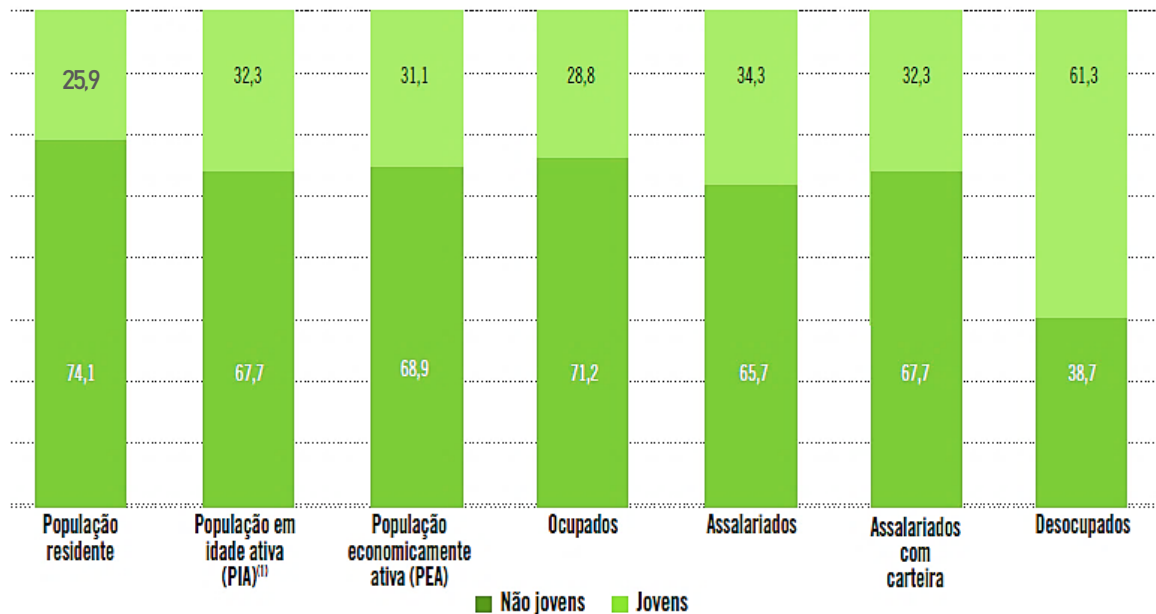
incertezas no mercado financeiro brasileiro. Neste ano houve alterações nas regras de operações dos fundos DI por imposição do BACEN, com isso inúmeros fundos sofreram prejuízos, ocasionando em um período de turbulências e muita insegurança no mercado financeiro. Com esta instabilidade as empresas que são muito dependentes desse mercado, acabaram sendo prejudicadas, o que afetou diretamente no emprego da população. O governo, para amenizar a situação, fez um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para retomar o mercado brasileiro e acabar com a crise (LEAL, 2013a).

No período de 2003 à 2004 as contratações tanto no emprego quanto no primeiro emprego deram um grande salto, como visto no Quadro 1, muito se dá pela abertura de novos postos de trabalhos, resultados de mudanças na política econômica, efetuadas com a troca de governo no início de 2003. A liberação de mais créditos pelo governo, auxiliaram as empresas na maximização de seus ativos e na manutenção de empregos, também foi possibilitado a recuperação de empresas com dificuldades (LEAL, 2013b). “Por outro lado, o cenário de recuperação do emprego formal e de redução da informalidade, característico dos anos 2004 a 2008, não beneficiou os *jovens* da mesma forma que os adultos” (COSTANZI, 2009, p. 19).

Como pode ser visto no quadro anterior, no Brasil, embora essencial o crescimento econômico para a inserção de jovens no mercado de trabalho, mostrou-se insuficiente, pelo comportamento assimétrico das taxas de desemprego entre essa população: períodos de contração ou recessão econômica, as taxas de desemprego juvenil aumentam mais rapidamente que a dos adultos, já em momentos de expansão econômica diminuem mais lentamente (ALMEIDA; LIMA, 2014).

Os jovens encontram-se com um percentual maior comparado com as outras faixas etárias, como citado pelo Ipea, por Mauricio Reis (2014a), em seu texto de discussão, no início do ano de 2006 ao fim do ano de 2012 a taxa de desemprego registrada pela PME foi de 7,28% nas seis principais regiões metropolitanas do Brasil. Entre os indivíduos de 25 até 65 anos, 5,13% se encontram desempregados, já as pessoas entre 15 e 24 anos a taxa de desemprego é de 16,22%. Essa situação também é exemplificada no Gráfico 1 onde mostra a população jovem e não jovem, esta última encontram-se tanto os adultos, quanto os idosos no mercado de trabalho.

Gráfico 1 - Distribuição da população por condição na ocupação, segundo faixa etária no Brasil (2014)



Fonte: DIESE (2015)

No país a dificuldade encontrada pelos jovens no mercado de trabalho é grande, como mostrado no gráfico, apenas no ano de 2014, o percentual da população jovem desocupada no Brasil foi de 61,3%, um nível muito alto para o ano de entrada da recessão brasileira. Como é mostrado na Tabela 1, pode ser visto claramente a diminuição da admissão para o primeiro emprego, desde 2009.

Tabela 1 - Distribuição dos empregos formais por admissão no Brasil de 2009 a 2014, em porcentagem

Tipo de admissão	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Reemprego	76,4	77,5	77,6	78,3	78,0	79,8
Primeiro emprego	17,5	16,6	16,3	15,2	15,6	13,6
Transferência	5,9	5,7	6,0	6,2	6,1	6,4
Outros	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2
Total	100	100	100	100	100	100
Total (em 1.000 vínculos)	22.424	25.987	27.602	27.884	29.055	27.843

Fonte: Adaptado DIESE (2015)

Para aumentar o número de admissão de jovens tanto no primeiro emprego quanto no reemprego, é necessária uma melhor compreensão do mercado perante esta faixa etária, como as empresas veem o jovem e como o governo pode ajudar a melhorar esses índices. Gomes (1990, p. 24) explica como os jovens alcançam níveis elevados de desemprego e buscam trabalhos geralmente por meios informais, “os critérios de seleção mais valorizados pelas empresas são a experiência, a

recomendação do candidato por outras pessoas e a educação, representada especialmente pela aprendizagem”.

As empresas estão começando a prestar atenção e dar mais profundidade na compreensão do comportamento humano, vendo o quão importante é na direção de uma empresa bem-sucedida, tanto na sua gestão, operação quanto em seus resultados. Pois elas são dirigidas por seres humanos, e seus clientes e empregados também são (THALER, 2015).

4.1.1 Informações assimétricas

Uma teoria que pode servir de exemplo e se assimila bem com a situação dos jovens no mercado de trabalho, seriam as informações ocultas, este problema afeta várias áreas e serve como uma boa explicação para esta situação. As informações ocultas “são, potencialmente, um problema em qualquer mercado onde a qualidade dos bens seja difícil de verificar de outra forma que não uma inspeção casual [...]” (AKERLOF, [s.d.], apud CASSIDY, 2009, p. 158). Este autor ainda relata que “No mercado de trabalho, os empregadores sabem muito menos sobre as qualificações e o zelo dos candidatos a emprego que os próprios candidatos” (CASSIDY, 2009, p. 158).

A assimetria de informações para o jovem que procura entrar pela primeira vez no mercado de trabalho é um fator de grande influência, pois o empregador não tem como saber se o jovem possui as competências necessárias para o cargo pretendido, devido ao jovem não possuir uma experiência anterior. “[...] o baixo dinamismo da economia, a falta de experiência e as disparidades da educação e escolaridade se constituem em obstáculos à sua inserção, resultando nas elevadas taxas de desemprego registrado para os extratos mais jovens da população” (GARCIA, *et al*, 2012, p. 503). “Para um subgrupo específico de jovens, composto pelos que estão tentando ingressar pela primeira vez no mercado de trabalho, entretanto, a duração do desemprego pode desempenhar um papel importante” (REIS, 2014a, p. 9).

Os jovens por serem pessoas imprevisíveis, e por não terem muita experiência no mercado de trabalho, ou até mesmo nunca terem trabalhado, encontram uma barreira na hora da contratação. As empresas têm muita dificuldade na hora de escolher e de contratar uma pessoa dessa faixa etária, pois ela não tem muitas

referências nem muitas formas de mostrar o quanto ela poderia ser produtiva para a empresa. É essa assimetria de informações que pode ser vista como um motivo da não contratação dessa parte da população pelas organizações, quando não se tem muitas informações dessas pessoas no mercado de trabalho, torna-se mais difícil para a empresa querer contratar alguém dessa forma – as cegas.

Outro fator que também dificulta a contratação dos mesmos e gera insegurança nos recrutadores é o seu comportamento. A atitude no ambiente de trabalho é essencial para a boa convivência na empresa, o jovem pode ter um comportamento inadequado devido à sua falta de maturidade e costuma apresentar alta rotatividade e menor permanência em um emprego (DOEGE; BITTENCOURT, 2010).

A empresa ou os recursos humanos das mesmas, precisam escolher com cautela seus funcionários, as informações ocultas são fortemente presentes no mercado de trabalho, pelas empresas não saberem quais candidatos são mais qualificados, ou melhor dizendo serão mais eficientes durante a realização das atividades na empresa, e é para isso que servem as entrevistas. Para o planejamento de gestão de pessoas as empresas frequentemente utilizam modelos operacionais quantitativos e simples baseados nas experiências anteriores do candidato, com base em dados estatísticos ou na história passada (CHIAVENATO, 2014).

As assimetrias de informações possuem maiores impactos para o jovem que quer encontrar um emprego, pois nas entrevistas são vistas as experiências anteriores do candidato, os cursos e escolaridade, feito avaliações e testes para mostrar qual seria mais adequado para a vaga concorrida. Os jovens, só com o fato de não possuírem experiências anteriores, reduzem muito as chances de serem contratados, pois entre um candidato com experiência anterior na área e um que não tem alguma experiência, qual candidato teria mais chance de conseguir a vaga? Provavelmente aquele que tem maior experiência com o qual poderá atender os requisitos da vaga e provavelmente saberá como realizar as atividades desta, podendo aumentar a produtividade da empresa rapidamente, sem precisar de treinamento e assistência, ou melhor dizendo o candidato que tem comprovado suas competências em uma empresa anterior.

4.1.2 O jovem e a aversão ao risco

A aversão ao risco para o desemprego entre os jovens pode explicar o fato de as empresas evitarem a contratação do jovem por este nunca ter trabalhado ou ter pouca vivência profissional. A aversão ao risco mostra o comportamento do empregador frente da incerteza, que nessa situação seria o jovem, candidato a uma vaga, se a escolha deste seria ou não a mais adequada.

As empresas buscam tomar suas decisões de modo que não afetem negativamente sua economia, e a contratação de novos empregados é algo que afeta diretamente neste aspecto, pois são os funcionários que movem a empresa, e é a produtividade deles que traz o lucro para a mesma. Funcionários produtivos trazem boas lucratividades para suas empresas e nenhuma organização quer funcionários que não gerem bons resultados. Portanto, demonstrar-se a melhor escolha durante um processo seletivo é um grande desafio para o jovem.

A informação assimétrica dificulta o processo de tomada de decisões. Com a aversão ao risco os investimentos específicos da relação de trabalho, são afetados negativamente por dependerem do seu retorno com a atividade laboral. Se o trabalhador abandona a empresa após receber treinamento e formação, a empresa não obtém retorno de seu investimento com o funcionário (CENTENO, 2016).

No geral, as companhias que possuem alto número de pessoal jovem, trabalhando a pouco tempo, tem grande responsabilidade na retenção dessa mão de obra. Empregados jovens anseiam por novas experiências e buscam se desenvolver profissionalmente, os quais não fixam raízes na empresa. Se na empresa eles não encontrarem respostas as suas aspirações, eles irão procurar em outras. Já quando o mercado não está em boas condições e os empregos escassos, estes podem acabar permanecendo na empresa, mas, com insatisfação, eles refletem em uma má produtividade e desempenho (LUCENA, 2017).

“É difícil para a maioria das empresas focar em qualquer coisa fora da sua vizinhança imediata” (DI GIORGI, 2015, p 99). Esse autor ainda explica, que as pessoas têm dificuldade de sair da zona de conforto, analisar outros cenários, pois normalmente são remuneradas para fazer suas tarefas e dar seguimento aos trabalhos designados a seus cargos. Para inovar o *status quo*⁴ é preciso questionar e

⁴ Significa estado atual, termo neutro utilizado para condicionamento, situação ou posição de algo ou alguém.

rever suposições. É por isso que manter o *status quo* é consequência da aversão corporativa ao risco. A cultura empresarial influencia o comportamento individual das pessoas, que evitam as novas ideias, se mantendo seguras nas decisões previsíveis. “Jovens, em qualquer sociedade, representam o novo, consistindo em si próprios a principal fonte das transformações” (CAMARANO, *et al*, 2004, p. 1).

Muito dessa recusa ao jovem se deve às empresas e corporações de perfil conservador. A contratação destes pode ser vista como um investimento, onde da mesma maneira que na rejeição a ideias criativas, a empresa possui insegurança em investir em pessoas desta faixa etária devido à falta de informações, nos quais a contratação do jovem pode não se demonstrar satisfatória, pelo fato de o mesmo poder se mostrar ineficiente em suas atividades, gerando a aversão a perda. Com isso o contratante estaria perdendo tempo e dinheiro com o investimento em um funcionário inexperiente e incapaz de atingir suas expectativas.

Um gerente também possui suas preferências ao se deparar com perspectivas arriscadas, pois elas podem resultar em más consequências. Tudo depende da disposição do gerente em correr riscos (BAYE, 2010).

4.1.3 Efeito certeza

Com a aversão ao risco, vindo da incerteza da contratação de jovens devido às assimetrias de informações no mercado de trabalho, é levantada a questão: Qual seria a melhor escolha, levando em consideração toda a incerteza e riscos envolvidos? Partindo desta premissa inicia-se a influência do efeito certeza, da teoria do prospecto, onde em situações de escolha, as pessoas tendem a preferir resultados certos aos prováveis, por mais que o primeiro traga um menor resultado que o segundo.

Como exemplo desta teoria pode-se considerar a seguinte situação, onde, em um processo seletivo tem-se dois candidatos à vaga: um jovem que ainda não entrou no mercado de trabalho e um adulto que já trabalhou na área. Digamos que o jovem é uma pessoa aplicada e possui potencial de ser um ótimo profissional na empresa, mas devido a sua inexperiência isto pode não vir a ocorrer, essa é a incerteza, e o adulto por sua vez possui referências que confirmam que este foi um bom empregado.

No processo seletivo devido a incerteza de qual seria a melhor escolha, os recrutadores se deparam com a aversão ao risco vinda da assimetria de informações.

Onde, por maior que seja o potencial do jovem em atender as expectativas esperadas com a vaga, ainda se trata de um resultado incerto. Já o adulto, por ter sua experiência comprovada, se torna uma escolha mais assertiva, por já ter realizado atividades na área e possuir referências do emprego anterior. Através deste exemplo fica evidente que o efeito certeza possui grande influência durante a tomada de decisões, o adulto por trazer um resultado certo para a empresa tende a ser o candidato escolhido no processo seletivo. Perante o receio de se fazer uma má escolha, os recrutadores se sentem inclinados a optar por resultados certos aos incertos, mesmo que estes tragam um menor retorno. Este comportamento em processos seletivos ocorre por causa da aversão à perda e ao risco.

Os empregadores possuem pouco conhecimento sobre os jovens sem experiência prévia, mas também nessa transição de entrada no mercado de trabalho os jovens carecem de informações sobre o ambiente de trabalho e as tarefas a serem desenvolvidas. Além do fato de que, o desempenho nas atividades geralmente depende da experiência da pessoa no emprego, o que contribui muitas vezes na desvalorização do jovem (REIS, 2014b).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se com este trabalho utilizar a economia comportamental como uma base para explicar o desemprego entre os jovens no Brasil, tendo como justificativa entender a origem das altas taxas de desemprego desta faixa etária devido a sua influência e resultados na economia do país.

O objetivo de realizar uma análise sobre as decisões de contratação das empresas e seu reflexo no desemprego entre os jovens a partir de conceitos da economia comportamental, foi atingido, onde de acordo com cada teoria apresentada pode-se encontrar motivos semelhantes e de grande preocupação para o mercado de trabalho, levantando questões de tamanho interesse para a sociedade em geral.

Dentre os objetivos, caracterizar o desemprego no Brasil foi de grande importância para se entender o funcionamento do mercado de trabalho, a importância de combater o desemprego e como ele é estruturado. Uma vez apresentado o desemprego e o desemprego entre os jovens, foram abordadas a economia comportamental e três de suas teorias, nos quais seus conceitos mostraram-se de grande importância para o estudo. Estes foram examinados pela perspectiva de contratação das empresas, onde evidenciou-se a relação entre os mesmos.

A assimetria de informação mostrou que no momento da contratação, o empregador possui poucas informações sobre como o jovem seria no trabalho, por mais que o jovem se apresente com potencial, a empresa tem pouco conhecimento sobre ele, e isto dificulta a seleção de jovens para vagas de emprego. Conseqüentemente, a aversão ao risco é um fator que impulsiona na não contratação destes, onde, com a assimetria de informações as empresas têm receio de contratar jovens por estes poderem apresentar-se improdutivos e ineficientes durante a execução de suas atividades.

Pelo jovem apresentar alto índice de rotatividade no mercado, imaturidade e pouca experiência profissional as empresas encontram-se inseguras na hora de contratar pessoas desta faixa etária (16 a 24 anos). Assim, para evitar o risco as empresas, geralmente de característica conservadora, evitam estes candidatos. Sendo então colocado em evidência a teoria do prospecto, onde os empregadores tendem a preferir resultados certos aos prováveis, em melhores palavras, contratar

um pessoal que traga resultados certos para a empresa, que tenham bastante referências e um bom currículo, do que um pessoal jovem que podem até serem bons trabalhadores mas não tem muito como provar sua eficiência, devido à falta de oportunidades.

A partir do estudo realizado e atingido os objetivos, foi respondido o problema deste trabalho, no qual, a relação entre a economia comportamental e o desemprego entre os jovens pode estar no comportamento da escolha de pessoal das empresas e como o jovem é visto por elas. Para isto, foram buscados em várias bibliografias e notícias os assuntos abordados, e conectados cada um, de modo que se levantaram várias questões e ideias de novos projetos e estudos, como uma avaliação dos dados do desemprego entre os jovens e o primeiro emprego, estudo da rotatividade de jovens no mercado de trabalho, efeitos das políticas governamentais no combate ao desemprego, entre outros.

Dentre as limitações encontradas neste trabalho destacam-se a pouca exploração destes assuntos. A economia comportamental por ser uma área nova ainda está em processo de formação e é tema recente em pesquisas, já o desemprego entre os jovens não é muito abordado em estudos, possui poucos dados e informações sobre ele no país. Acredita-se que a partir desse trabalho, sejam feitos e inspirados novos estudos, possibilitando a expansão e continuidade na pesquisa dos mesmos, inspirando novos artigos, teses e debates sobre a economia comportamental e buscando meios e origens para soluções no combate ao desemprego, não só para os jovens, mas em todas as faixas etárias.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. I. M.; LIMA, F. D. B. **Educação e trabalho na experiência juvenil**. Rio de Janeiro: Gramma, 2014.
- ANDRADE, G. O programa nacional de estímulo ao primeiro emprego de jovens. **Mercado de trabalho**: conjuntura e análise (BMT), n.26, fev. 2005.
- ARIELY, A. Introdução. In: ÀVILA F. BIANCHI, A. M. (Org) **Guia de economia comportamental e experimental**. São Paulo: EconomiaComportamental.org, 2015. p. 20-25
- BACHA, C. J. C. **Macroeconomia aplicada à análise da economia brasileira**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.
- BAYE, M. R. **Economia de Empresas e Estratégias de Negócios**. 6ª Ed. São Paulo: AMGH, 2010.
- BHAGWATI, J. **A economia em países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- BORJAS, G. **Economia do Trabalho**. 5ª ed. Porto Alegre: AMGH, 2012.
- CAMARANO, A. A.; MELLO, J. L.; PASINATO, M. T.; KANSO S. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. **Texto para discussão nº 1038**, IPEA, Rio de Janeiro, agosto de 2004.
- CASSIDY, J. **Como os mercados quebram**: A lógica das catástrofes econômicas. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.
- CENTENO, M. **O Trabalho, Uma Visão de Mercado**. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2016.
- CHEN, K.Y.; KRAKOVSKY, M. **Segredos da Economia Comportamental**. Porto Alegre: Bookman Editora, 2011.
- CHIAVENATO, I. **Gestão de pessoas**: o novo papel dos recursos humanos nas organizações. 4ª Ed. Barueri: Manole, 2014.
- COSTANZI, R. N. **Trabalho decente e juventude**. Brasília: Organização Internacional do Trabalho, 2009.
- DIEESE. Anuário do Sistema Público de Emprego, Trabalho e Renda 2015: **mercado de trabalho**. Livro 1. São Paulo: DIEESE, 2015.
- DI GIORGI, G. **O Efeito Iguana**: Descubra como as empresas inovadoras se diferenciam e saia da inércia. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.
- DOEGE, R.; BITTENCOURT, M. A taxa natural de desemprego no Brasil a partir de uma análise da estrutura do mercado de trabalho. **XIII Encontro Regional de Economia – AMPEC Sul 2010**, Porto Alegre/RS, 11 a 13 de Agosto de 2010.
- DUARTE, M. A.; ANDRADE, J. S. **Histerese da taxa de desemprego de equilíbrio** - uma aplicação ao caso português. 2000. [artigo científico]. Disponível em: <<http://www4.fe.uc.pt/jasa/estudos/histerese.pdf>>. Acesso em: 15 Abr. 2017.

- ECONOMIA COMPORTAMENTAL. **O que é?** Disponível em: <<http://www.economiacomportamental.org/o-que-e/>>. Acesso em: 3 Jun. 2018.
- FAEMA. **Manual Para Trabalhos Acadêmicos e Científicos**. Ariquemes: [s.n.], 2011.
- FAVERI, D. B.; VALENTIM I.; KROETZ M. Teoria do prospecto: uma investigação dos efeitos certeza, reflexão e isolamento na tomada de decisão envolvendo risco. **Simpósio de excelência em gestão e tecnologia**. Resende: 23, 24, 25 out. 2013.
- FIANI, R. **Teoria Dos Jogos**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- FIGUEIRÓ, M. E. S. S. **Acolhimento Institucional: Maioridade e desligamento**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.
- FRANCESCHINI, C. Introdução a finanças comportamentais. In: ÀVILA F. BIANCHI, A. M. (Org). **Guia de economia comportamental e experimental**. São Paulo: EconomiaComportamental.org, 2015. p. 177-189.
- FRANK, R. H. **Microeconomia e Comportamento**. Porto Alegre: 8ª Ed. Bookman, 2013.
- FREEMAN, R. B.; WISE, D. A. **The Youth labor market problem: Its Nature, Causes, and Consequences**. Massachusetts: National Bureau of Economic Research; Chicago: University of Chicago Press, 1982.
- GARCIA. *et al.* A condição do jovem no mercado de trabalho brasileiro: uma análise comparativa entre o emprego e o primeiro emprego (1999-2009). **Revista EconomiA**, Brasília, v. 13, n. 3a, p. 481–506, set/dez. 2012.
- GIAMBIAGI, F.; SCHWARTSMAN, A. **Complacência – Entenda por que o Brasil cresce menos do que pode**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.
- GOMES, C. A. **O jovem e o desafio do trabalho**. São Paulo: EPU, 1990.
- GUIA DE DIREITOS**. Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego - **PNPE (Governo Federal)**. [s.d.] Disponível em: <http://www.guiadedireitos.org/index.php?option=com_content&view=article&id=156%3Aprograma-nacional-de-estimulo-ao-primeiro-emprego-pnpe-governo-federal&catid=21%3Adireitos-do-trabalhador&Itemid=46>. Acesso em: 4 Abr. 2017.
- IBGE. **Notas metodológicas**. 2017. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme/pmet2.shtm>> Acesso em: 29 maio. 2017.
- KON, A. Pleno emprego no Brasil: Interpretando os conceitos e indicadores. **Revista Economia & Tecnologia**, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 5-22, Abr/Jun 2012. Disponível em: Disponível em: <<http://www.economiaetecnologia.ufpr.br/revista/Volume%208%20n%202/05%20Anta%20Kon.pdf>>. Acesso em: 15 Abr. 2017.
- KRUGMAN, P.; WELLS R. **Introdução à Economia**. 3ª Ed. Rio de Janeiro 2015.
- LEAL, E. P. B. **Economia Brasileira – 2003**. 2013a. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/economia-e-financas/economia-brasileira-2002/69590/>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

- _____. **Economia Brasileira – 2004**. 2013b. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/economia-e-financas/economia-brasileira-2004/69632/>>. Acesso em: 03 jul. 2017.
- LIMA C. R. M. **Informação e regulação da assistência suplementar à saúde**. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.
- LOPES, L. M.; VASCONCELLOS, M. A. **Manual de Macroeconomia**. São Paulo: Atlas, 2008.
- LUCENA, M. D. S. **Planejamento Estratégico de Recursos Humanos**. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 2017.
- MANKIWI, N. G. **Introdução à Economia**, 6ª ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.
- MARIOTTI, F. **Aula Demonstrativa de economia do trabalho: Auditor Fiscal do Trabalho**. [s.d.] <<https://www.pontodosconcursos.com.br/>> Acesso em: 12 Maio 2017.
- MATTOS, J. C. **Ética e Estratégia**: entendendo as forças que influenciam a ética. 2003. Dissertação (Mestrado em administração / Estratégia e Marketing) – Faculdades IBMEC, IBMEC, Rio de Janeiro, 2003.
- NERI, M. C. **Microcrédito, o mistério nordestino e o Grameen brasileiro**: perfil e performance dos clientes do CrediAmigo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008.
- OIT. **Conheça a OIT**. 2017. Disponível em: <<http://www.ilo.org/brasil/conheca-a-oit/lang-pt/index.htm>>. Acesso em: 29 maio. 2017.
- OLIVEIRA, F. L.; WADA, R. (Org.) **Direito do consumidor**: uma análise dos 22 anos de vigência do código de defesa ao consumidor. Rio de Janeiro: Elsevier, FGV, 2012.
- PARKIN, M.; CARVALHEIRO, N.; YAMAGAMI, C. **Economia**. 8 ed. São Paulo: Pearson, 2009.
- POCHMANN, M. **Situação do jovem no mercado de trabalho no Brasil**: um balanço dos últimos 10 anos. [artigo científico] São Paulo: [s.n.], 2007.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2ª Ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.
- REINERT, J. N. Desemprego: causas, conseqüências e possíveis soluções. **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis, p. 45-48, jan. 2001.
- REIS, M. C.; CAMARGO, J. M. Desemprego dos jovens no Brasil: Os efeitos da estabilização da inflação em um mercado de trabalho com escassez de informação. **Texto para discussão n° 1116**, IPEA, Rio de Janeiro, Setembro de 2005.
- REIS, M. Uma análise da transição dos jovens para o primeiro emprego no Brasil. **Texto para discussão 1996**, IPEA, Brasília/DF, Agosto de 2014a.
- REIS, M. C. Uma análise das características do primeiro emprego nas regiões metropolitanas brasileiras. In: CORSEUIL, C. H.; BOTELHO, R. U. (Org.) **Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Ipea, 2014b. p. 141-156.
- SAMSON, A. Introdução à economia comportamental e experimental. In: ÁVILA F. BIANCHI, A. M. (Org) **Guia de economia comportamental e experimental**. São Paulo: EconomiaComportamental.org, 2015. p. 26-60.

SCHIAVON, B. K.; VIEIRA, B. S.; OLIVEIRA, R. G. Julgamento e tomada de decisão. In: MALLOY-DINIZ, L. F.; FUENTES D.; MATTOS, P.; ABREU N. (Org) **Avaliação Neuropsicológica**. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

SCHNEIDER, E. M. Dinâmica da Estrutura Ocupacional, Requisitos de Contratação e uma Proposta de Tipologia de Ramos de Atividade Segundo a Qualificação Profissional. In: Rede de pesquisa formação e mercado de trabalho: coletânea de artigos: **volume I, tendências e aspectos demográficos do mercado de trabalho**. Brasília: IPEA e ABDI, 2014. p. 141-176.

SPENCE M. Job Market Signaling. **The Quarterly Journal of Economics**, JSTOR, Vol. 87, nº. 3. p. 355-374, Agosto 1973. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/2d89/1415c5f4faa5d1adf4492c01fc596231353e.pdf>>. Acesso em: 1 Ago. 2018.

THALER, R. H. **Misbehaving**: The Making of Behavioral Economics. New York: W. W. Norton & Company, 2015.

TAVARES, F. A. O. **Avaliação Imobiliária**. Porto: Vida Económica Editorial, 2013.

UNRIC. Centro de notícias da ONU. **Ban Ki-moon apela a maiores investimentos para combater a epidemia global do desemprego jovem**. 2014. Disponível em: <<https://www.unric.org/pt/actualidade/31509-ban-ki-moon-apela-a-maiores-investimentos-para-combater-a-epidemia-global-do-desemprego-jovem>>. Acesso em: 28 Jul. 2018.

VASCONCELLOS, M. A. S. **Economia micro e macro**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

WEBB C. **Como ter um dia ideal**: O que as ciências comportamentais têm a dizer para melhorar sua vida no trabalho. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.

ZYLBERSTAJN, H.; BALBINOTTO NETO, G. B. As teorias de desemprego e as políticas de emprego. **Estudos econômicos**. São Paulo, v. 29, n. 1, p. 129-149, Janeiro–Março. 1999. <<http://www.revistas.usp.br/ee/article/view/117216/114822>>. Acesso em: 12 mar. 2017.